

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA 18

52^a edição

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA 18

JANEIRO
1ª Quinzena

04
OPINIÃO
*Chile 2018:
Um novo presidente.*

07
PREÇOS E JUROS
*Fundamentos econômicos pavimentados
ou com buracos tapados?*

05
PIB
2017 positivo. E 2018?

10
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA
Janeiro/2018 com saldo positivo.

Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2018	2019
PIB (% do crescimento)	2,70	2,80
Produção Industrial (% do crescimento)	3,20	3,00
Inflação - IPCA (%)	3,95	4,25
SELIC	6,75	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	55,40	58,00
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,35	3,40
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	53,00	45,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	80,00	80,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

15/01

Relatório Focus (Bacen)
Balança Comercial (Mdic)
IBC(Br) Índice de Atividade Econômica - Novembro-2017 - (Bacen)

16/01

IGP(10) - Janeiro-2018 - (FGV)
IPC(S) - 2ª quadrissemana Janeiro-2018 - (FGV)

17/01

IPC(Fipe) - 2ª quadrissemana Janeiro-2017 - (FIPE)
Fluxo Cambial - Semanal (Bacen)

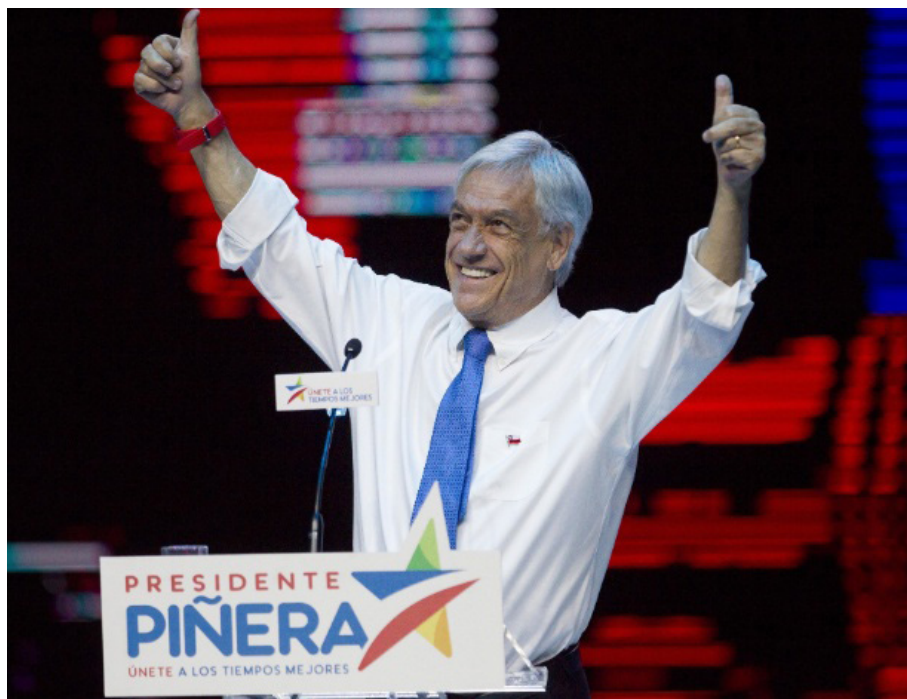
19/01

IGP-M - 2ª Prévia Janeiro-2018 - (FGV)

Opinião

Chile 2018: um novo presidente.

René Berardi*



A eleição presidencial no Chile foi realizada em dois turnos: no primeiro votaram 46,54% dos inscritos e no segundo 49,02%. Lembrando que no sistema eleitoral chileno o voto não é obrigatório. O candidato vencedor, nos dois turnos, foi o empresário e ex-presidente da República Sebastián Piñera, que obteve 54,57% dos votos, apoiado pela coalizão “Vamos Chile” de direita, contra 45,43% do senador governista e representante da Presidente Bachelet Alejandro Guillier, da coalizão de esquerda “Nueva Maioria”.

O maior destaque nesta eleição foi a candidata e jornalista Beatriz Sanches, da coalizão “Frente Amplio”, que reunia os partidos de esquerda que obtiveram 20,27% no primeiro turno, representando o voto dos descontentes com o governo da Bachelet e também de grandes segmentos jovens Millennium. Esses votos foram decisivos para o triunfo de Sebastián Piñera, pois representavam eleitores com perfis neoliberais que queriam: “um país que cresça e que tenha progresso, onde as pessoas procuram mais oportunidades e competitividade”, ou seja, o que movia estes eleitores “não era o socialismo senão o consumismo”, como muitos declararam.

A alta votação de Sebastián Piñera pode ser explicada por três fatores: o primeiro foi o cansaço no governo que não promovia a competitividade e a prosperidade; já o segundo, o medo da instabilidade econômica, com um índice de crescimento considerado baixo (1,5% em 2016) comparado para os padrões históricos (4 a 5%); o último fator se dá a um conjunto de promessas de campanha dirigidas a terminar com o abuso das AFP, Administradoras de Fondos de Pensiones (empresas de aposentadoria privadas) para oferecer



aposentadorias dignas, terminar com a discriminação das ISAPRES, Instituciones de Salud Previsional (empresas de saúde privada) e avançar na gratuidade do sistema da educação com metas de 60% nas universidades e 90% na educação técnico-profissional.

Esses fatores programáticos geraram um poder de convocação que permitiu chegar à classe média e baixa e lograr uma substancial vitória. O desafio de Sebastián Piñera, agora, é a formação de uma equipe de ministros que possa combinar a experiência com a juventude, para o qual está convocando gestores que atuaram no seu primeiro governo (2010-2014), assim como prefeitos de cidades que tiveram resultados positivos.

Não podemos esquecer que a inserção internacional do Chile no mundo global apresenta importantes fatos, como ser membro da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), Mercosul, APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico), 28 TCL (Tratados de Livre Comércio) com a China, Estados Unidos, União Européia, Japão, México, entre outros, além de apresentar uma alta abertura e diversificação da economia, mostrando, desta forma, a relevância destas eleições no Chile para a América latina.

O desafio que o Chile tem por esses dias é a visita do Papa Francisco, de 15 até 18 de janeiro, que se depara com a Igreja Católica dividida e com altas taxas de deserção de católicos.

**René Berardi é professor do ISAE. Doutor em Sociologia (UFPR), com experiências como executivo e consultor na OEA, Petrobras, Hewlett Packard, Sebrae e AGA gases.*

PIB

2017 positivo. E 2018?

*Christian Frederico da Cunha Bundt**

A divulgação dos números oficiais do PIB de 2017 é esperada para os primeiros dias de março deste ano. Os especialistas apontam crescimento em torno de 1%. O resultado, que é comemorado em alguns recantos do governo federal, não gera o mesmo entusiasmo em perspectivas empresariais.

Para o governo significa vitória, frente a um PIB negativo (-3,6%) em 2016. Para o empresariado e para a população uma sensação frustrante, por entenderem que o Brasil pode mais. A letargia governamental e a corrupção acabaram por obstaculizar a implantação de reformas importantes como da previdência e tributária, complementares e impulsionadoras da reforma trabalhista aprovada e implementada. A corrupção, que em 2016 e 2017 dominou a agenda dos três poderes, causa incalculável prejuízo à nação.



Esse foco do governo nos assuntos políticos em 2017 causou novamente o rebaixamento da nota de crédito do Brasil pela agência Standard & Poor's (S&P) em janeiro de 2018. Não obstante eventuais críticas às agências de rating, não é nada bom ter nota rebaixada, pois essas notas influenciam nas decisões de empréstimos e investimentos no Brasil e nas suas empresas. Esse rebaixamento revela a desconfiança da S&P sobre a capacidade de o governo honrar compromissos no longo prazo e de aprovar e implementar reformas estruturais. Para entender melhor o panorama, segue o ranking da S&P, com destaque para a nota atual do Brasil.

LONGO PRAZO	CURTO PRAZO	CLASSIFICAÇÃO
AAA	A-1+	Prime
AA+	A-1+	Grau de Investimento Elevado
AA	A-1+	Grau de Investimento Elevado
AA-	A-1+	Grau de Investimento Elevado
A+	A-1	Grau de Investimento Médio Elevado
A	A-1	Grau de Investimento Médio Elevado
A-	A-2	Grau de Investimento Médio Elevado
BBB+	A-2	Grau de Investimento Médio Baixo
BBB	A-3	Grau de Investimento Médio Baixo
BBB-	A-3	Grau de Investimento Médio Baixo
BB+	B	Grau Especulativo
BB	B	Grau Especulativo
BB-	B	Grau Especulativo
B+	B	Grau Altamente Especulativo
B	B	Grau Altamente Especulativo
B-	B	Grau Altamente Especulativo
CCC+	C	Grau Especulativo de Risco Substancial
CCC	C	Grau Extremamente Especulativo
CCC-	C	Grau Especulativo de Moratória com Pequena Expectativa de Recuperação
CC	C	Grau Especulativo de Moratória com Pequena Expectativa de Recuperação
C	C	Grau Especulativo de Moratória com Pequena Expectativa de Recuperação
D	/	Grau Especulativo de Moratória

Fonte: Standard & Poor's – Ilustração ISAE.

Nos arrazoados da nota da S&P, são apontados alguns aspectos positivos da gestão Temer, mas chama a atenção os apontamentos sobre a dívida e o déficit público do Brasil. Equação simples de traduzir: o Brasil (municípios, estados e governo federal) deve muito e tem prejuízo em longo prazo. Mantendo este comportamento, o país quebrará e não terá como pagar suas contas. Por isso, as aludidas reformas são tão importantes: elas melhoram a condição de arrecadação e diminuem o gasto. Para qualquer um a mensagem é simples: gastar menos do que ganha! Simples de entender e difícil de praticar, frente ao perfil do gestor público/político brasileiro de qualquer matiz política.

Mas até que ponto o governo pode cobrar impostos? Qual é o tamanho da carga tributária ideal, que não inviabiliza os negócios e desestimula investimentos? Fiquemos com essa reflexão.

Na ponta das estatísticas locais, o Banco Central (BCB) divulgou seu Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) para o mês de novembro/17, apontando crescimento de 0,49% frente a outubro/17 e crescimento de 2,82% frente ao mês de novembro/16 (dados com e sem ajuste respectivamente). Segundo o relatório do BCB, indústria e serviços tiveram desempenho positivo na comparação com o mês anterior.

No campo da confiança interna na economia, os índices continuaram em leve alta em dezembro, conforme mostra a tabela.



ÍNDICE DE CONFIANÇA	VARIAÇÃO EM NOVEMBRO	OBSERVAÇÃO
Comércio - ICOM/FGV	+ 2,4%	Mais influenciado pela melhora nas expectativas
Comércio - Icec/CNC	+ 1,4%	Mais influenciado pela melhora na situação atual
Indústria - IC/FGV	+ 1,3%	Influenciado pela melhora na situação atual e nas expectativas
Indústria - ICE/CNI	+ 1,8%	Mais influenciado pela melhora nas expectativas
Serviços - ICS/FGV	+ 1,5%	Mais influenciado pela melhora nas expectativas
Empresarial - ICE/FGV	+ 1,2%	Mais influenciado pela melhora nas expectativas

Fonte: IBRE/FGV, CNI, CNC – Ilustração ISAE.

Não condizente com os números reais da economia, a animação do empresariado é um sinal interessante. Os índices, a maioria ainda no campo do pessimismo, começam a se aproximar da zona otimista. Parece que o empresariado acredita na força de recuperação da economia e espera e crê que o governo fará as reformas tão esperadas em 2018.

O Relatório Focus do BCB, divulgado neste último dia 12 de janeiro de 2018, aponta a expectativa dos experts de mercado aparentemente em linha com a animação dos empresários. Os pesquisados para o Focus apontam crescimento de 2,7% no PIB brasileiro em relação a 2017. Será que vai? Vai ser um ano politicamente difícil. Será que essa variável já está precificada nessa análise?

Continuemos em alerta!

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

Preços e Juros

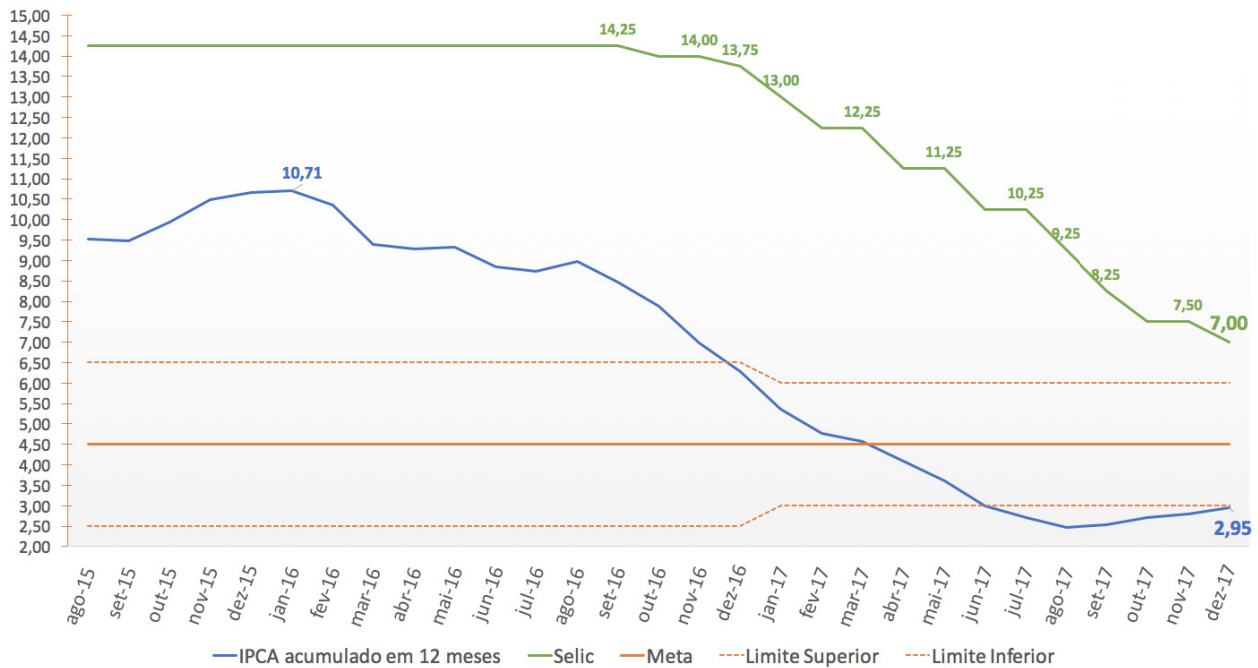
Fundamentos econômicos pavimentados ou com buracos tapados?

Patrick Silva*

O ano de 2017 foi o ano de estabilização econômica, onde os preços e juros se estabeleceram em patamares muito favoráveis para que venha a ocorrer a volta do crescimento neste ano de 2018. O IPCA acumulou 2,95% em 12 meses e a Selic fechou em 7%.



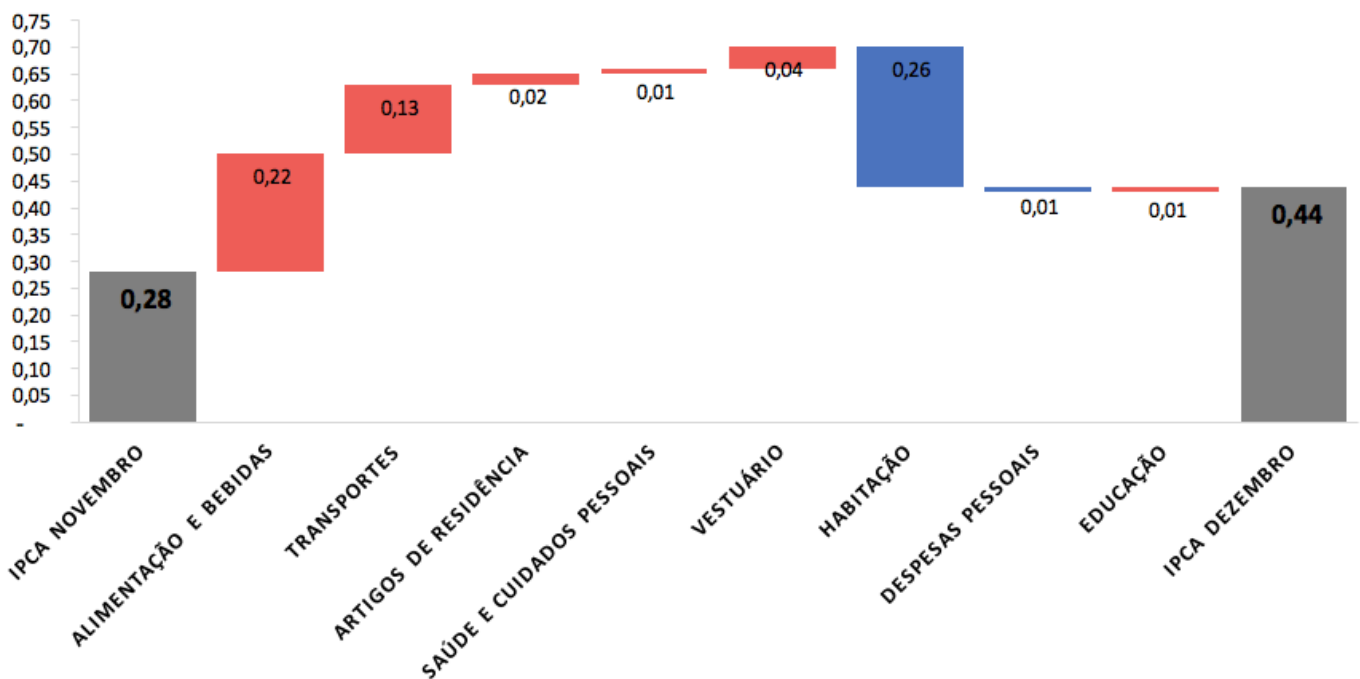
Evolução IPCA (12 Meses) | Meta X SELIC



Fonte: Banco Central do Brasil; IBGE; ilustração: ISAE/FGV.

Tendo em vista o IPCA de dezembro ter vindo acima do esperado, em 0,44%, o corte na taxa de juros para a próxima reunião poderá ter que esperar, mas se vier a ocorrer a taxa pode buscar 6,75%.

IPCA de dezembro/17 por segmento

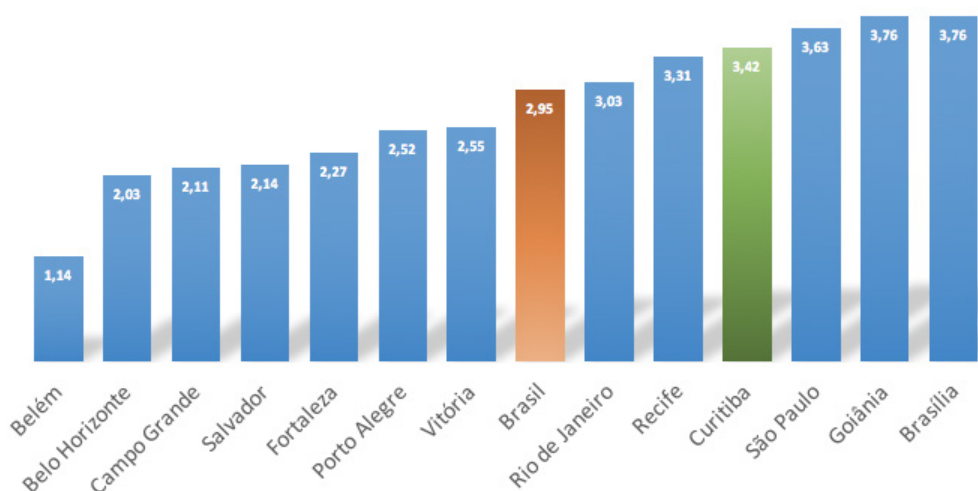


Fonte: IBGE; ilustração: ISAE.

A grande surpresa inflacionária de dezembro foi no segmento de alimentação, que durante todo o ano esteve em regime de queda, mas acabou relaxando na dieta em dezembro e apresentou variação de 0,54%. Outro segmento que impactou negativamente a inflação de dezembro foram os transportes, com variação de 1,23%, fruto de mais aumentos em passagens aéreas e no preço da gasolina.



IPCA - Variação 12 meses por região (dez/17)



Fonte: IBGE; ilustração: ISAE.

Entre as cidades que apresentaram maior variação no IPCA, destaque para Brasília e Goiânia, com 3,76% em 2017, seguidos por São Paulo e Curitiba, com 3,63% e 3,42% respectivamente. Na ponta de baixo com 1,14% aparece Belém com a menor inflação do país.

As previsões de mercado para 2018 iniciam estimando o IPCA em 3,95% e para 2019 em 4,25%. As top 5, que são as instituições de mercado que mais se aproximam dos resultados, estimam 2018 em 3,90% e 4,25% para 2019.

Projeções de mercado para o IPCA

	2018				2019			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	4,00	3,95	3,95	● (1)	4,25	4,25	4,25	● (40)
Top 5	3,74	3,75	3,90	▲ (1)	4,25	4,25	4,25	● (5)

Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE.

A taxa real de juros no Brasil fechou o ano em 4,05%, mas já chegou a estar acima de 7% em um passado recente. Caso as recentes projeções do relatório focus se concretizem, com Selic a 6,75% e IPCA em cerca de 3,90% para o ano de 2018, a taxa de juros reais poderão chegar a 2,85%. Estamos deixando de ser o país dos juros, o que pode favorecer fortemente o mercado financeiro e a economia.

Os números gerais da economia mostram mais estabilidade, porém não mostram muita robustez. Mostram, também, que os brasileiros continuam dando seu jeitinho, por meio da busca por trabalho informal e microempreendedorismo. De qualquer maneira, ficamos no aguardo dos resultados que virão nos próximos meses, em um ano que pode ser marcado por tensões geopolíticas globais e com as eleições presidenciais no Brasil.

**Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE|IBEF*



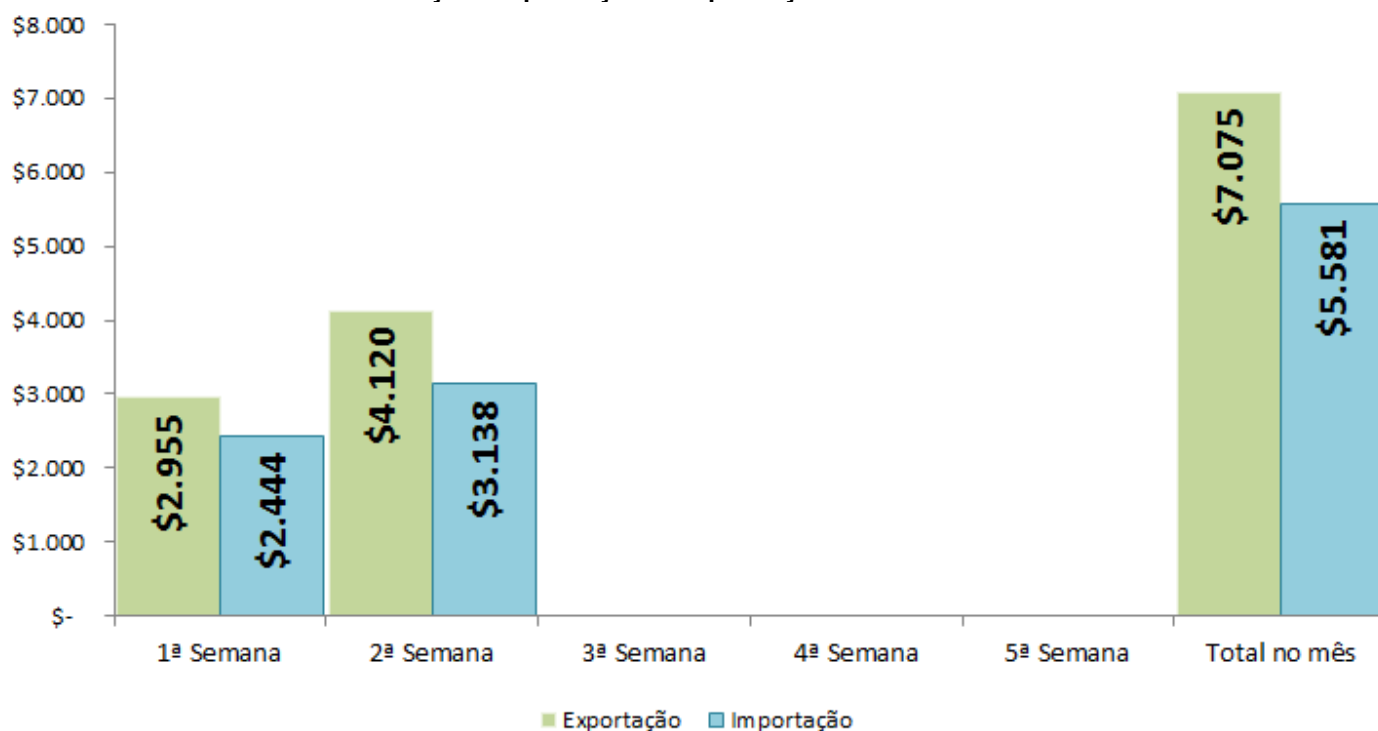
Balança Comercial Brasileira

Janeiro/2018 apresenta saldo positivo

Jefferson Marcondes Ferreira*

De acordo com os dados informados pelo MDIC (Ministério da Indústria Comércio e Serviços), no último dia 15/01/2018, a balança comercial brasileira um superávit de US\$ 983 milhões na segunda semana de janeiro, resultado das exportações que totalizaram o valor de US\$ 4,120 bilhões, influenciado principalmente pela venda de produtos básicos como grãos e minérios, como também por produtos semimanufaturados. Quanto às importações, terminaram a semana com um saldo US\$ 3,138 bilhões em função do aumento da compra de itens como adubos e fertilizantes, combustíveis e equipamentos eletrônicos. Essa evolução está descrita no gráfico a seguir:

Evolução: Exportações/Importações Janeiro-2018



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

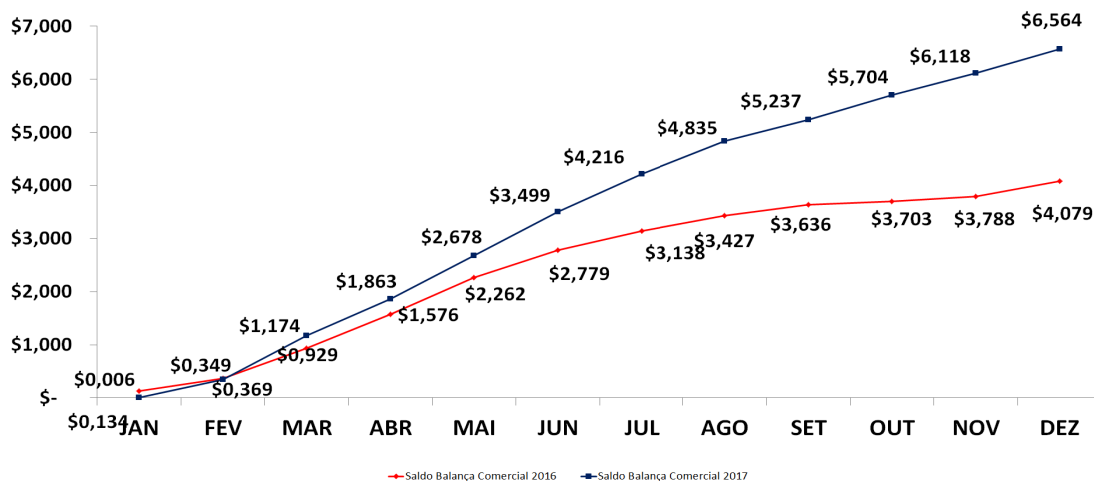
No mês de janeiro-2018, a balança comercial brasileira apresenta um total de US\$ 7.075 bilhões referentes a exportações contra US\$ 5.581 bilhões de importação o que gera um saldo de US\$ 1,494 bilhão.

Balança comercial paranaense terminou 2017 com saldo positivo

De acordo com dados do MDIC, a balança comercial paranaense no período de janeiro a dezembro de 2017 terminou com um saldo positivo superior ao mesmo período em 2016 de US\$ 2,485 bilhões, o que representa um crescimento de aproximadamente 61%, conforme demonstrado no gráfico a seguir:



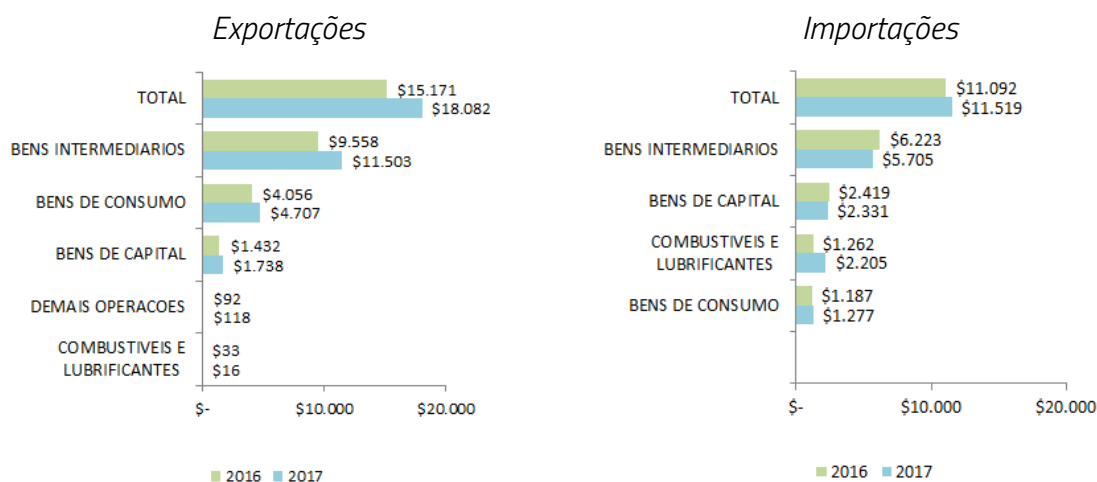
Evolução Saldo Balança Comercial Paraná - janeiro a dezembro 2017 versus 2016 (em USD)



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

O crescimento das exportações paranaenses em 2017 tem vinculação com o aumento das vendas de bens intermediários, que apresentaram crescimento de US\$ 1,944 bilhão de janeiro a dezembro de 2017 em relação ao mesmo período em 2016. A venda dos bens intermediários foi influenciada, principalmente, pelo incremento na comercialização de alimentos e bebidas destinados à indústria insumos industriais e peças e acessórios para equipamentos de transporte. Outro segmento das exportações que influenciaram esse aumento foram os bens de consumo, seguidos pelo setor de bens de capital conforme apresentados no gráfico a seguir.

Composição da variação das Exportações e Importações (JAN-DEZ/ 2017 x 2016) - em MUSD



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

Quanto às importações, neste período houve um aumento de US\$ 426 milhões influenciado pelas importações de combustíveis que teve um saldo de US\$ 942 milhões, como também o setor de bens de consumo com um saldo de 88 milhões, compensados pela redução de importação de bens de intermediários, num total de US\$ 410 milhões, acompanhados pelo setor de bens de capital com um saldo de US\$ 88 milhões. O saldo positivo da balança comercial paranaense reflete o crescimento dos setores agroindustriais como os produtores de grãos, sucroalcooleiro e de proteína animal, bem como a evolução do setor automotivo. Tais setores corroboram para a confirmação da recuperação da economia do estado e reforçam a expectativa da continuidade desse crescimento para 2018.

*Jefferson Marcondes Ferreira é Economista, Especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.



Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Carolina Leludak
Christian Geronasso
Christian Bundt
Jefferson Marcondes
Márcio Santos
Patrick Silva
René Berardi

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande